

Texto que reconhece direitos de famílias fora do casamento causa polêmica

(Agência Brasil, 10/11/2014) O reconhecimento da relação homoafetiva como família e dos direitos de famílias paralelas, formadas fora do casamento, são as principais polêmicas por trás do Estatuto das Famílias. O projeto de lei (PLS 470/2013) apresentado pela senadora Lídice da Mata (PSB-BA) foi elaborado pelo Instituto Brasileiro de Direito de Família (Ibdfam) e pode entrar a qualquer momento na pauta da Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado, onde já tem parecer favorável do relator, senador João Capiberibe (PSB-AP).

Essa não é primeira tentativa de elaborar um Estatuto das Famílias. A Câmara dos Deputados chegou a aprovar em duas comissões, inclusive na de Constituição e Justiça (CCJ) da Casa, substitutivo a projeto de lei do deputado Cândido Vaccarezza (PT-SP) que na prática - assim como o texto em discussão no Senado - também transferia toda a parte do Direito de Família do Código Civil (Lei 10.406/2002) para uma lei especial.

Divergências em torno da proposta (PL 674/2007), sobretudo por parte de parlamentares religiosos, fizeram com que a tramitação não avançasse mais na Casa desde 2011.

No Senado, levar a proposta adiante também não será fácil. Com a apresentação do projeto, dirigentes da União de Juristas Católicos de São Paulo (Ujucasp) já se manifestam contra e afirmam que o texto é inconstitucional e “incurável”.

Liderada por nomes como o do ministro Ives Gandra, do Superior Tribunal de Justiça (STJ), a entidade critica a ampliação das relações que passariam a ser reconhecidas como entidades familiares. Ao citar o artigo da Constituição Federal (Art. 226), a entidade lembra que essa classificação legal cabe às famílias constituídas pelo casamento, união estável e relações

monoparentais.

Ainda na visão dos contrários à proposta, o estatuto usa “expressões enganosas” para suavizar os efeitos sobre relações extraconjugais e legalizar essas relações. “Propõe que a amante ou o amante também tenham direito à pensão alimentícia e possam, ainda, requerer reparação dos danos morais e materiais”, aponta o grupo, destacando o parágrafo de um dos artigos que deixa clara a intenção de mudança nesta regra. “Nesse projeto de lei tudo pode e cabe numa entidade familiar, em afeto e sexualidade”.

Endurecendo ainda mais a rejeição ao texto, a Ujucasp chega a acusar os autores de promover a legalidade de relações incestuosas quando prevê a família pluriparental que seria constituída pela convivência entre irmãos e a comunhão afetiva estável entre parentes colaterais. Outro ponto atacado pela entidade é o que prevê atribuições de direitos e deveres iguais entre pais e padrastos. “Padastros e madrastas passarão a ter o dever de pagar pensão alimentícia aos entedeados em complementação ao sustento que já lhes deem os seus pais ou as suas mães”, afirmam.

O Instituto de Direito de Família (IBDFam) rebate as críticas. “A grande questão hoje que o STF deve julgar daqui a pouco é se as famílias paralelas ou simultâneas tem algum direito. Será que uma mulher que viveu durante 30 anos com um homem só porque era uma união simultânea, tem que ser condenada a invisibilidade social?”, ponderou o diretor da entidade, Rodrigo da Cunha Pereira à Agência Brasil.

A senadora Lídice da Mata reforça a importância da proposta. “Nós já vivemos um tempo em que os filhos tidos fora do casamento não eram reconhecidos, não tinham direito a nada. E o fato de passarem a ter direito em vez de prejudicar a família, significa dar oportunidade de punir aqueles que agiram irresponsavelmente criando uma nova família. Quem tem sua família paralela será obrigado a sustentar as duas famílias e não se comportar como hoje onde a segunda família fica ao sabor dos ventos”.

Pela proposta, o reconhecimento da relação homoafetiva como entidade familiar acontece quando o estatuto, ao rever o instituto da união estável, amplia sua conceituação, sem que ela fique restrita à ligação formal entre

homem e mulher.

“A ideia é termos um ordenamento jurídico mais amplo que possa dar garantia à existência de uma família moderna. A família não é apenas pai e mãe, ela se estende um pouco mais no Brasil”, explicou a senadora.

Karine Melo e Carolina Gonçalves

Acesse no site de origem: [Texto que reconhece direitos de famílias fora do casamento causa polêmica \(Agência Brasil, 10/11/2014\)](#)

Enquete sobre a definição de família tem votação recorde no site da Câmara

(O Globo, 05/11/2014) A maior enquete da história do Portal da Câmara dos Deputados acumula quase três milhões de votos e muita polêmica, tornando-se mais um retrato bem acabado da polarização que tomou conta da sociedade em virtualmente qualquer tema. No ar desde fevereiro, ela pergunta: “Você concorda com a definição de família como núcleo formado a partir da união entre homem e mulher, prevista no projeto que cria o Estatuto da Família?”. Até agora, 52,28% dos participantes votaram no sim, e 47,41%, no não — 0,31% revelaram não ter opinião formada —, o que dá uma ligeira vantagem à corrente que exclui casais homossexuais do conceito familiar. O cenário, porém, muda o tempo todo, uma vez que uma verdadeira campanha que envolve progressistas e conservadores está por trás dessa batalha dos cliques. As armas são, basicamente, as divulgações feitas na internet por pastores evangélicos, ativistas pró-direitos LGBT e outros atores sociais. Para se ter uma noção da dimensão que essa disputa tomou, a segunda pesquisa com maior número de participações, sobre o fim do auxílio-reclusão e a criação de um benefício para vítimas de crimes, teve pouco mais

de 950 mil votos.



Ativistas do grupo Arco-Íris militam pelos direitos LGBT e fazem campanha para que participantes rejeitem definição tradicional de família (Foto: Gustavo Stephan / Agência O Globo)

A enquete foi criada pela Coordenação de Participação Popular da Câmara para conhecer a opinião dos cidadãos sobre a definição de família que consta no projeto de lei 6583/2013, que cria o Estatuto da Família. A proposta é do deputado Anderson Ferreira (PR-PE), integrante da bancada evangélica, e inclui a criação da disciplina escolar “Educação para a família” e a celebração, em todas as escolas públicas e privadas, do Dia Nacional de Valorização da Família (21 de outubro). Por conta da polêmica, surgiu até uma comissão especial para analisar o projeto de lei, presidida pelo deputado federal Leonardo Picciani (PMDB-RJ).

SILAS MALAFAIA X JEAN WYLLYS

A campanha maciça pelo sim é liderada por pastores como Silas Malafaia e Marco Feliciano, deputado federal pelo PSC-SP. O não ganhou o reforço do deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ). No dia em que Malafaia, presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, pediu votos aos seus mais de 800

mil seguidores do Twitter, o site oficial da Câmara saiu do ar, tamanho foi o volume de acessos. Já o pico de votação pelo não ocorreu no dia da parada LGBT de Brasília, 7 de setembro.

Mesmo sem valor estatístico algum, as partes acreditam que o resultado da enquete pode ser utilizado como argumento para fazer o projeto de lei avançar ou não. Incentivando seus mais de 589 mil seguidores do Facebook a votar na enquete, Jean Wyllys acredita ser importante que os cidadãos participem do debate político.

— O interessante da enquete é que ela fomenta uma discussão e a mobilização de forças contra e a favor da proposta. Muitas pessoas entram no debate desinformadas, mas saem um pouco mais conscientes sobre a questão — observa o deputado, considerando que o Estatuto da Família fere princípios básicos da Constituição, como o da dignidade humana e o da não discriminação. — O Supremo Tribunal Federal já garantiu o direito dos homossexuais ao casamento. Ou seja, o Judiciário deu o recado de que as famílias homoafetivas têm que ser reconhecidas. Cabe agora ao Legislativo dar força de lei a isso, não tentar reverter esse progresso.

O grupo de cidadania LGBT Arco-Íris também movimentava as redes sociais pela aceitação de um conceito amplo de família.

— Todo formato de família é válido. Há aquelas constituídas por avós, sobrinhos, pessoas divorciadas, casais homoafetivos, mães ou pais solteiros... Não faz sentido o Poder Legislativo fechar os olhos para todas essas famílias, que já existem e precisam de respaldo — afirma Julio Moreira, presidente do Grupo Arco-Íris, que diz não querer incentivar um clima de guerra entre os internautas. — Essa disputa acirra ranços entre partes da sociedade.



O Grupo Nacional Pró-Vida e Pró-Família em manifestação na Câmara: eles pedem lei de base moral (Foto: Divulgação)


Do outro lado do cabo de guerra, a Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família sugere que seus membros votem pela “família natural”.

— Acreditamos que a maioria da população brasileira reconhece a família formada a partir da união entre homem e mulher, aberta à fecundidade, como a primeira e principal instituição humana a ser sempre defendida — diz Hermes Rodrigues Nery, diretor de imprensa da associação. — A legislação não pode se basear somente no consenso político, mas também na moral que se fundamenta em uma ordem natural objetiva.

DOS 800 MIL PARA 4 MILHÕES DE PARTICIPAÇÕES

Diretora da Coordenação de Participação Popular, Simone Ravazzolli diz que as redes sociais são as maiores motoras da enquete, que ganhou um “efeito viral”. Hoje, grande parte das colaborações também vem do aplicativo WhatsApp. Isso fez com que mais gente chegasse ao canal interativo da Câmara, que, este ano, já conta com mais de 4 milhões de participações — em 2013, foram apenas 800 mil, o que seria um sinal inegável de maior interesse das pessoas por temas políticos.

— Estamos sempre preocupados em aumentar a participação da população no processo legislativo. Antes da criação da enquete, por exemplo, muita gente nem sabia que o Estatuto da Família tava sendo debatido na Casa — explica Simone, que, junto à sua equipe, transforma os dados das consultas populares em relatórios, repassados aos deputados. — As informações do Disk Câmara e das enquetes on-line servem para que eles possam se posicionar a partir do interesse do povo. Sabemos que o universo das pessoas que conhecem esses canais é pequeno diante do tamanho do Brasil. Portanto, mais importante do que o resultado da enquete em si é o interesse da população nos temas debatidos.

Disposta em investir no termômetro popular, em dezembro a Câmara começará a testar uma nova ferramenta que a ajudará a identificar os temas tratados pelo Poder Legislativo mais debatidos nas mídias sociais, fora dos canais institucionais. 

— A participação da população ajuda a promover o debate, mas é claro que a enquete não tem valor de dado estatístico, por isso o resultado tem de ser avaliado com cuidado — afirma Leonardo Picciani, presidente da comissão que analisa o Estatuto da Família. — A ferramenta permite que o usuário se manifeste várias vezes, por exemplo, e o resultado varia de acordo com o engajamento de cada grupo ativista.

Para o deputado, que diz não ter posição pré-concebida sobre o tema, é natural que, neste momento do país, o debate seja “acalorado” e desperte “posições apaixonadas” dos dois lados:

— Estamos em fase de audiências públicas na Câmara, e espero que o relator apresente seu texto até o final desta legislatura.

Marina Cohen

Acesse o PDF: [Enquete sobre a definição de família tem votação recorde no site da Câmara \(O Globo, 05/11/2014\)](#)

Chile vai distribuir em escolas públicas livro sobre família formada por casais homossexuais

(Ópera Mundi, 24/10/2014) Em 2015, as crianças chilenas conhecerão a história de Nicolás, um menino que vive em uma família formada por um casal homossexual. Ele mora com os dois pais, Sebastián e Pablo, embora também passe alguns fins de semana com Clara, a mãe biológica. Florencia, a melhor amiga no colégio, não entendia a família de Nicolás, mas, com o tempo, a aceitou, e eles passaram a frequentar a casa um do outro.

Assim é o conto “Nicolás Tiene Dos Papás” (“Nicolás Tem Dois Papais”, com texto de Leslie Nicholls e ilustrações de Roberto Armijo), um livro infantil criado por iniciativa do Movilh (Movimento pela Integração e Liberação Homossexual) e patrocinado pelo governo chileno. A publicação será distribuída gratuitamente e fará parte do currículo do ensino infantil e fundamental públicos do Chile no ano que vem. As instituições particulares que quiserem também podem solicitá-la de forma gratuita.



Livro “Nicolás Tiene Dos Papás” começa a ser distribuído no Chile em 2015 (Foto: Reprodução)

A história de Nicolás é apenas a primeira de uma série de contos infantis com temas de diversidade sexual que serão lançados nos próximos meses, também com patrocínio estatal e distribuição gratuita.

A cerimônia de lançamento do livro contou uma versão teatral da história, por conta da companhia “La Negra María”, que também fará a apresentação do livro em escolas da capital chilena, nos próximos dias. Segundo o porta-voz do Movilh, Óscar Rementería, existe um projeto de levar a história de Nicolás a uma linguagem audiovisual. “Não sabemos ainda se um filme comum ou de animação, mas tudo vai depender do sucesso do livro”, diz.

Protesto

Um pouco antes do encerramento do evento, uma mulher (que não quis se identificar, mas disse falar em nome da comunidade evangélica chilena) entrou no auditório onde acontecia a solenidade acusando a iniciativa de discriminar aqueles que pregam “o respeito à Bíblia”.

“Como posso ensinar ao meu filho que ele também merece respeito por acreditar na palavra de Deus, se somente quem pensa diferente dele tem apoio do governo?”, questionou a mulher, que se surpreendeu ao ter seu discurso aplaudido pelos presentes. Durante as palmas, um representante do Movilh se aproximou e lhe ofereceu um livro, que ela aceitou, antes de deixar o recinto.

Minutos antes dessa intervenção, Rafael Dochao, embaixador da União Europeia no Chile, também relatou que, devido ao apoio do organismo à iniciativa chilena, recebeu mais de 600 mensagens de protesto em menos de uma semana.

A principal acusação dos que se opõem ao livro é a de que ele seria uma forma de “propaganda para as crianças” sobre orientação sexual, argumento que é rechaçado pelo presidente do Movilh, Ramón Gómez. “O livro visa contribuir para formar uma geração que tenha outra visão sobre as famílias formadas por casais homossexuais e defende o respeito pelas diferentes formas de família. Ele não trata da questão sexual. Por isso, é difícil entender esse tipo de reação”, comentou.

Em 2011, o governo do Brasil suspendeu a divulgação de um kit anti-homofobia nas escolas após pressão da bancada evangélica no Congresso Nacional. O material era composto por vídeos, cartazes e um caderno para professores com o objetivo de tratar o tema do preconceito contra pessoas homossexuais e transsexuais no ensino público.

Victor Farinelli

Acesse no site de origem: [Chile vai distribuir em escolas públicas livro sobre família formada por casais homossexuais \(Ópera Mundi, 24/10/2014\)](#)

Proposta de Estatuto das Famílias garante amparo legal para uniões homoafetivas

(Senado Notícias, 23/10/2014) A sociedade vem mudando e, com ela, os conceitos ligados às relações de família. Enquanto o Código Civil de 1916 vinculava a constituição da família ao casamento e delegava ao homem a chefia da sociedade conjugal, o atual, de 2002, estabeleceu a igualdade de direitos e deveres entre os cônjuges.

Uma nova reviravolta no tratamento legal dos papéis sociais poderá acontecer caso o Congresso Nacional aprove o Estatuto das Famílias, objeto de projeto de lei apresentado pela senadora Lídice da Mata (PSB-BA), inspirado em estudo do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM),

A proposta (PLS 470/2013) tem parecer favorável do senador João Capiberibe (PSB-AP), relator na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa do Senado, e ainda será analisada, em decisão final, pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ).

O Estatuto revoga a parte do Código Civil que trata do Direito de Família e estabelece novas regras para essas relações. Ao contrário do código, que introduz as questões familiares a partir do casamento, o estatuto tem como ponto de partida a regulação de direitos e deveres no âmbito das relações familiares. Assim, toma para si a missão de proteger a família e seus membros em qualquer de suas modalidades, reconhecendo inclusive laços de parentesco gerados pela socioafetividade.

“Não é mais possível tratar questões da vida familiar, que perpassam por idealizações, sentimentos e perdas, valendo-se das mesmas normas que regulam questões meramente patrimoniais”, argumenta Lídice, ao justificar o PLS 470/2013.

Homoafetividade

Os novos arranjos incorporados pelo estatuto passam pelas famílias parental - em que os membros têm relação de parentesco por consanguinidade - e recompostas - fundadas em parentesco por afinidade, como entre enteados e padrasto ou madrasta. O reconhecimento da relação homoafetiva como entidade familiar acontece quando, ao rever o instituto da união estável, o estatuto ampliar sua conceituação, sem restringi-la à ligação formal entre um homem e uma mulher.

“Ao não limitar aos heterossexuais o direito de casar e de constituir união estável, a proposição acolhe os avanços recentes observados em sede judicial e administrativa no sentido de não discriminar a homoafetividade.”, ressalta o relator na análise da proposta.

Para Capiberibe, o PLS 470/2013 acerta ao não discriminar as famílias com fundamento em gênero e sexualidade. Ele sustenta ainda que, num estado democrático de direito, a lei não pode afrontar o pluralismo e abrigar o preconceito, “pois isso fere o respeito à diversidade humana e à dignidade fundamental de todos”.

Simone Franco

Acesse no site de origem: [Proposta de Estatuto das Famílias garante amparo legal para uniões homoafetivas \(Senado Notícias, 23/10/2014\)](#)

Mulheres dedicam o dobro do tempo dos homens no cuidado

com os idosos da família, revela estudo da Universidade de Princeton

(O Globo, 22/08/2014) Regina Sardenderg, de 60 anos, mora na mesma rua que a mãe. Todos os dias, à tarde, ela caminha um quarteirão para encontrar Odila Ribas Costa, de 88 anos, portadora de Alzheimer. Apesar de Odila ter a ajuda de duas cuidadoras, uma empregada e de eventuais visitas de um médico, sua filha afirma que toma conta “da casa e da vida” da mãe. Ela é apenas um caso que ilustra o novo estudo da Universidade de Princeton, em Nova Jersey, segundo o qual as mulheres cuidam bem melhor de seus pais idosos do que os homens.

Leia também: [Cresce violência contra idosos e mulheres são maioria das vítimas](#)

A pesquisa revelou que as filhas parecem dar bastante atenção aos pais na terceira idade, enquanto os filhos contribuem o mínimo possível. Por mês, as mulheres dedicam 12,3 horas para cuidar dos pais idosos, em comparação às 5,6 horas dos filhos, de acordo com o levantamento. Ou seja, o dobro do tempo ou quase sete horas a mais a cada mês.

O estudo revelou uma diferença impressionante de tempo dispensado por homens e mulheres aos pais idosos em comparação com outras formas de trabalho doméstico, como arrumar a casa ou cuidar de uma criança - afirmou a responsável pelo estudo, Angelina Grigoryeva.

FILHOS REDUZEM ESFORÇOS

Os dados coletados são baseados no Estudo de Saúde e Aposentadoria de 2004 da Universidade de Michigan, uma amostra nacional realizada a cada dois anos com 26 mil americanos acima de 50 anos. O estudo foi replicado no levantamento de 2010 e o resultado foi bem similar, segundo Angelina.

Em famílias compostas por irmãos de ambos os sexos, a pesquisa indicou que

os filhos reduzem seus esforços de cuidados com os pais quando têm uma irmã, enquanto as filhas aumentam os seus quando têm um irmão.

Aposentada há cinco anos, Regina realiza junto com o marido Hugo tarefas como fazer as compras para a casa de sua mãe, apesar de ter um irmão.

- Ele mora longe, fica mais difícil vir visitar - conta.

Comentando a pesquisa, Regina diz que a tendência ocorre por uma questão cultural, já que as mulheres são, desde pequenas, induzidas a cuidar dos outros - com as bonecas, por exemplo.

- Tenho uma filha de 25 anos que ainda mora comigo. Acredito, sim, que ela vá cuidar de mim quando eu for mais velhinha - brincou.

Para Marcus von Seehausen, secretário estadual de Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida, o que acontece em linhas gerais é que cuida do idoso aquele que está mais disponível.

- Assim, vemos muitas filhas, muitas noras, muitas tias, muitas primas indo com os idosos nos bailes da terceira idade que promovemos, por exemplo - diz.

Angelina relata, ainda, que as pessoas que se dispõem a cuidar de seus parentes idosos muitas vezes têm que equilibrar essa responsabilidade com seus empregos, o que potencialmente resulta em sacrifícios de carreira e salários mais baixos. Por isso, a psicóloga e mestre em geriatria e gerontologia Simone Burmeister considera que cuidar dos pais deve ser uma tarefa em que ambos os sexos se envolvam igualmente.

- É necessário paciência; então, dividir as funções é extremamente importante para não haver uma sobrecarga. A mulher acaba tendo que cuidar dos filhos, dos netos, dos maridos e de seus pais - pondera.

A psicóloga lembrou que outras pesquisas já apontaram que mulheres estão sofrendo mais de depressão, além de estarem sendo cada vez mais diagnosticadas com problemas cardíacos.

Antonella Zugliani

Acesse o PDF: [Mulheres dedicam o dobro do tempo dos homens no cuidado com os idosos da família, revela estudo da Universidade de Princeton \(O Globo, 22/08/2014\)](#)

Fabricantes lançam novos modelos de camisinha feminina

(BBC Brasil) A camisinha feminina fracassou quando foi lançada 20 anos atrás, mas nunca desapareceu do mercado e agora uma nova leva de empresas está tentando preencher esse vazio com novos produtos. Será a retomada desse tipo de preservativo?

Há duas décadas, a americana Mary Ann Leeper lembra-se com certo desconforto das piadas feitas sobre o produto. “Eu acreditava demais na camisinha feminina”, diz ela. “Pensava que as mulheres queriam algo com o qual elas pudessem cuidar de si mesmas. Nós éramos ingênuas - e eu me incluo nesse grupo”.

Naquela época, Leeper era presidente da Chartex, a companhia que fabricava a FC1, a primeira geração de camisinhas femininas feitas de poliuretano.

Antes do lançamento do produto, havia uma atmosfera de curiosidade envolvendo o produto, mas aqueles responsáveis por sua divulgação subestimaram a reação dos consumidores americanos e europeus.

Leeper nunca se esqueceu de um artigo negativo publicado na ocasião por uma influente revista feminina dos Estados Unidos.

“O artigo ganhou grandes proporções”, conta ela. “Foi um choque para mim, para dizer a verdade. Por que fazer piada sobre um produto que ajudaria as mulheres a cuidar de sua saúde, que as protegeria de doenças sexualmente

transmissíveis e evitaria gravidezes indesejadas?”, questiona.

O formato do FC1, no entanto, não recebeu boa acolhida das mulheres, seu público-alvo. Além disso, eram constantes as críticas de que o preservativo fazia muito barulho durante o sexo.

A sucessora da Chartex, a Female Health Company, pensou em cessar a fabricação do produto, mas, em vez disso, lançou uma campanha para educar consumidores sobre a camisinha feminina.

Então, num dia de 1995, Leeper recebeu um telefonema de uma mulher chamada Daisy, então responsável pelo programa de prevenção a HIV/Aids do Zimbábue.

“Ela disse: Eu tenho uma petição aqui na minha mesa assinada por 30 mil mulheres pedindo para importamos o preservativo feminino”, recorda Leeper.

Era o início de uma série de parcerias que levou a camisinha feminina a diferentes regiões do mundo em desenvolvimento.

A sucessora da FC1, a FC2 - feita de borracha nitrílica - teve maior sucesso no Ocidente.

Atualmente, o produto está disponível em 138 países. As vendas mais do que dobraram desde 2007, e a Female Health Company registrou o primeiro lucro em oito anos.

A vasta maioria das vendas se destina a quatro clientes - a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid, na sigla em inglês), a ONU, o Brasil e a África do Sul.

Tanto organizações humanitárias quanto autoridades de saúde pública sustentam que o preservativo dá maior autonomia à mulher durante a relação sexual.

Vantagens

As camisinhas femininas também têm suas vantagens. Elas podem ser colocadas antes do sexo e não precisam ser removidas imediatamente ao fim

da relação.

Para mulheres, esse tipo de preservativo também oferece melhor proteção a doenças sexualmente transmissíveis, uma vez que a vulva é parcialmente coberta pelo anel externo da camisinha.

A reação dos consumidores também se mostrou mais positiva.

Uma pesquisa feita em 2011 mostrou que 86% das mulheres afirmaram estar interessadas em usar o preservativo novamente e 95% disseram que o recomendariam a suas amigas.

“Muitas pessoas dizem que as camisinhas femininas aumentam o prazer sexual”, diz Saskia Husken, da Programa Conjunto de Acesso Universal à Camisinha Feminina (UAFC, na sigla em inglês).

Para os homens, há relatos de que o produto apertaria menos o pênis. Já para as mulheres, o anel externo – que permanece do lado de fora da vagina – seria estimulante.

Na África, a distribuição gratuita das camisinhas femininas em postos de saúde criou uma tendência de moda inesperada.

Muitas mulheres removeram o anel flexível do preservativo e passaram a usá-lo como pulseira. “Se você está solteira, você usa a pulseira”, brinca Marion Stevens, da Wish Associates.

“Se você estiver, por outro lado, num relacionamento sério, a sua pulseira terá uma aparência mais velha”, acrescenta ela.

Meyiwa Ede, da Sociedade da Saúde da Família na Nigéria, afirma que, enquanto os homens ficam mais empolgados com a possibilidade de fazer sexo sem usar “uma camisinha tradicional”, as mulheres ainda se mostram receosas de usar o produto.

“Elas olham para a camisinha feminina e dizem: Tudo bem, mas eu realmente terei de colocar isso dentro de mim?”, diz ela.

A equipe liderada por Ede usa um manequim para mostrar como a camisinha

feminina deve ser colocada. Ela compara a tarefa a usar um novo telefone - no início, parece impossível, mas, com o tempo, a usuária se acostuma.

Nos países desenvolvidos, há, no entanto, um estigma ainda a ser superado.

“Eu acho que o problema começa pela embalagem - as camisinhas femininas não vem enroladas como as masculinas em pacotes tão pequenos”, diz Mags Beksinka, da Universidade de Witwatersrand na África do Sul. “Na verdade, ambos os preservativos são do mesmo tamanho. Se você medi-los lado a lado, não são tão diferentes entre si”, explica.

Novos modelos



De cima para baixo, em sentido horário: Woman's Condom; Cupido; VA Wow

Beksinska é autora de uma pesquisa recentemente publicada pela revista científica Lancet sobre três modelos de camisinha feminina:

A Woman's Condom já se encontra disponível na China e chegará em breve à África do Sul, fruto de um projeto de 17 anos da ONG Path - especializada em inovação da saúde. Esse preservativo já foi testado em 50 diferentes versões. Fora da embalagem, é menor do que a FC2. Parece um tampão íntimo, com grande parte da camisinha reunida em cápsula de um tipo de polímero arredonda que, em contato com a mucosa vaginal, se dissolve. A partir desse momento, a camisinha se expande e pequenas espumas ajudam a

mantê-la no lugar certo para a relação sexual.

Já o “Cupido” está disponível na Índia, África do Sul e Brasil (por meio da distribuidora Prudence). Tem essência de baunilha e vem nas cores transparente e rosa. Trata-se de único modelo, fora a FC2, da Female Health Company, a ter ganhado o aval da Organização Mundial da Saúde (OMS) para ser vendido para o setor público. Uma versão menor voltada para o mercado asiático já está em fase de testes.

Por fim, a VA Wow, como o Cupido, contém uma esponja que ajuda as usuárias a inserir a camisinha dentro da vagina e evitar que ela escorregue durante o sexo.

O estudo, que mostrou que todos os três tipos não são menos confiáveis do que a FC2, aumentam as chances de que a camisinha feminina ganhe maior aceitação mundial.

Outros formatos radicalmente redesenhados de preservativos femininos deverão chegar aos postos de saúde e às prateleiras das farmácias em breve.

O Air Condom, à venda na Colômbia, vem com uma pequena bolsa de ar para ajudar a colocação na vagina.

A Panty Condom, feita pelo mesmo fabricante colombiano, a Innova Quality, vem embalada junto de uma calcinha que ajuda a manter a camisinha no lugar certo. O produto, no entanto, ainda não possui um distribuidor.

Absorvente íntimo

Enquanto isso, a camisinha feminina conhecida como Origami deve ser lançada no mercado americano daqui a um ano.

Seu inventor, Danny Resnic, que começou a trabalhar no setor depois de contrair HIV por causa de uma camisinha furada em 1993, levou em conta as inúmeras piadas feitas com a FC1 ao desenvolver seu produto.

“Há uma razão para a qual a camisinha feminina parece uma bolsa de plástico - porque ela é, no fim das contas, uma bolsa de plástico”, diz ele.

O seu preservativo, por outro lado, é ovalado, o que, segundo ele, espelha a anatomia do aparelho genital feminino. O produto será vendido como uma cápsula em forma de teta e uma vez inserido no interior da vagina se expande como “o fole de uma sanfona”. O anel externo da camisinha é desenhado para se acomodar sobre os grandes lábios, em vez de permanecer solto como em modelos antigos.



Preservativo feminino da Origami tem formato oval e se adequa à anatomia da vagina

“É um produto íntimo e uma experiência compartilhada por duas pessoas”, diz ele. “As camisinhas femininas têm de ser atrativas tanto para o homem quanto para a mulher”.

A camisinha Origami é feita de silicone, o que, segundo Resnic, permite o seu reuso, uma vez que pode ser lavada em água corrente.

Segundo Husken, da UAFC, para que nova geração das camisinhas femininas obtenha sucesso, é preciso que os casais tenham diferentes alternativas a seu dispor.

“É preciso haver variedade”, diz Husken. “Algumas mulheres preferem um produto e outras outro produto, tal como homens. Nós não somos iguais”, explica ela.

Um estudo publicado em 2010 revela com precisão essa necessidade. Pesquisadores pediram que 170 mulheres sul-africanas testassem três diferentes tipos de camisinhas femininas cinco vezes. Depois de nove

semanas, elas podiam interromper a pesquisa ou continuá-la, usando o preservativo feminino de sua preferência. Cerca de 90% delas decidiram seguir em frente e, nesse momento, praticamente todas elas já tinham escolhido a que melhor lhes convinha (44% escolheram a woman's condom, enquanto 37% optou pela FC2 e o restante, 19%, preferiu a VA Now).

O fato de que 20 anos se passaram e a camisinha feminina não alcançou o sucesso da masculina - atualmente, corresponde a apenas 0,19% das compras globais de preservativos por governos, além de custar dez vezes mais - não mina a confiança desses empreendedores.

Leeper explica por que ela sabia desde o princípio que o caminho rumo ao sucesso da camisinha feminina ia ser difícil - e longo.

Muitos anos depois do lançamento desastroso da FC1, um executivo da Tampax, que fabrica absorventes internos, veio falar com ela. Nessa conversa, Leeper ouviu de seu colega que as mulheres demoraram anos para aceitar os tampões íntimos como um mecanismo eficiente durante a menstruação.

“Ele me mostrou a curva de aceitação do produto”, lembra Leeper.

“Eu disse então: Não me fale que nós vamos ter de esperar todo esse tempo? Não sei se viverei para ver isso!”.

Acesse o PDF: [Fabricantes lançam novos modelos de camisinha feminina \(BBC Brasil - 08/03/2014\)](#)

[Acesse o site de origem](#)